

**Violencias, contra-hegemonías
y re(ex)istencias en clave
de niñeces y juventudes
latinoamericanas**



Trajetos metodológicos: experiências com coletivos juvenis na cidade de São Paulo (Brasil)⁷¹

Silvia H. S. Borelli⁷²

Rosana L. Soares⁷³

-
- ⁷¹ A pesquisa contou com a participação de uma equipe formada por graduandos e pós-graduandos em Ciências Sociais (PUC-SP): André S. Queiroz (Mestre); Ariane Aboboreira (Mestre); Bianca F. Fasano (Mestre); Livia C. Almendary (Mestre); Maria Claudia S. Paiva (Mestre); Mateus Garzaro Catelan (Graduado); Priscila Klaus (Mestre); Regina Arruda Medeiros (PIBIC/CNPq); e Thiago S. Venanzoni (Doutor em Meios e Processos Audiovisuais. ECA-USP).
- ⁷² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Doutorado em Antropologia pela PUC-SP. Professora Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/3417483792462916>. Orcid: 0000-0003-3510-6625. H5: 23. Correio eletrônico: sborelli@pucsp.br.
- ⁷³ Universidade de São Paulo, Brasil. Doutorado em Ciências da Comunicação pela USP. Professora Departamento de Jornalismo e Edição e Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, USP. CV: <http://lattes.cnpq.br/5241011640369563>. Orcid: 0000-0003-4250-9537. H5: 12. Correio eletrônico: rolima@usp.br.

Introdução

Os jovens formam um segmento populacional especialmente atingido pelas velozes transformações nas paisagens contemporâneas e em tempos radicais de globalização, em particular, na vida cotidiana das grandes cidades, em todo o mundo. Torna-se um desafio a busca pela compreensão de seus repertórios e suas formas de viver, entrelaçadas pelo sentido de urgência e destemor, pelas tensões entre ousadias e desassossegos, esperanças e incertezas, inclusões e exclusões. Viver as experiências metropolitanas e experimentar o inevitável conjunto de contradições da vida nas periferias do mundo – classe, geração, raça-etnia, gênero, condições de vida migrante – supõem o enfrentamento de barreiras de acesso e de mecanismos de exclusão, mas também a busca por possíveis brechas inclusivas.

É possível perceber nos últimos anos um significativo protagonismo de coletivos juvenis, “mais ou menos” autônomos e colaborativos, “mais ou menos” institucionalizados que “soltam a voz”, definem espaços, marcam territórios e respondem por formas de ocupação – ora consentidas, ora insidiosas – dos espaços na metrópole. Interferem na questão urbana e permitem a emergência de conflitos entre as esferas pública e privada. Provocam tensões na relação entre institucionalidades e processos de (des)institucionalização e ampliam as possibilidades de ações e práticas políticas “fora” do âmbito estritamente institucional. Transformam lugares de preconceito e estigma em “lugares seus”: lugares possíveis de empoderamento, de aprendizagem, de experiências ímpares; lugares de fronteira entre o conhecido e o que está para ser compreendido; lugares de fluxos, identidades/pluralidades. Propõem novas formas de manifestação, que mesclam “participação” e “ativismo”. Expressam-se pela

mescla entre cultura e política e demandam novos referenciais de base epistemológica, teórica e metodológica para a sua compreensão e interpretação.

Nesse sentido, observa-se, nas últimas décadas, a existência de inúmeras experiências juvenis de participação e mobilização cultural e ações políticas no território urbano, a despeito das violências, injunções e adversidades que acompanham esse segmento populacional. Em resposta às perspectivas colocadas por esses contextos, enfatiza-se aqui uma reflexão sobre as diversificadas ações coletivas culturais, comunicacionais e políticas, protagonizadas pelos jovens em diferentes contextos; e analisa-se a possibilidade de que essas ações resultem em transformações, tanto no contexto das políticas públicas, quanto nas práticas sociais de/para/sobre juventudes, como, ainda, no campo teórico-metodológico sobre jovens, juventudes, culturas juvenis.

Destaca-se uma concepção de juventude(s) – plurais, em suas múltiplas singularidades e contextualizadas historicamente – e dos jovens como sujeitos ativos e produtores de práticas, subjetividades e identidades, capazes de contribuir tanto para suas próprias transformações, quanto para as mudanças desejadas, em direção à equidade, à paz, ao fortalecimento da democracia e à diminuição das desigualdades. Um dos eixos de sustentação desta proposta está centrado na avaliação das relações entre cultura e política e a forma pela qual a cultura ora se manifesta como elemento de mediação das práticas políticas, ora se caracteriza, ela mesma, como ação política em si.

Buscando aportes teórico-metodológicos para a elaboração de investigações que possam dar conta de tais desafios, são apresentados, a seguir, os trajetos metodológicos de pesquisa mais ampla realizada junto a coletivos juvenis na cidade de São Paulo, entre os anos de 2016 e

2018⁷⁴. Os métodos e instrumentos utilizados, construídos especificamente para a pesquisa após delimitação de seu campo de abrangência, respondem aos objetivos do trabalho ao mesmo tempo em que constroem, gradativamente, as etapas de sua execução. Assim, promover e aprofundar a reflexão sobre as práticas político-culturais dos coletivos e as múltiplas urbanidades que articulam tanto a cidade imaginada e planejada, como aquela cidade ocupada e vivida, e os territórios juvenis a elas associados, coloca-se como uma das metas da pesquisa.

Caracterizadas como mediações culturais e comunicacionais (Martín-Barbero, 1987), essas práticas são concebidas como narrativas, interferindo nos discursos a elas relacionados. Nesse sentido, práticas sociais e práticas discursivas estão interligadas, articulando sociabilidades e subjetividades. O discurso é, assim, considerado como *espaço heterogêneo*, sempre em movimento e cuja unidade se faz em relação a discursos outros, que se manifestam, muitas vezes, naquilo que é dito justamente em uma instância de *não-dito*, e/ou em marcas que facilitam ou indicam caminhos para identificação da cena enunciativa. A noção de “formações discursivas”, proposta por Foucault (1997, p. 136), apresenta tal conceito como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Se as narrativas constituem uma das práticas discursivas possíveis, pode-se afirmar que se apresentam como

⁷⁴ Cabe esclarecer que o objetivo deste texto é apresentar uma reflexão sobre trajetos metodológicos de realização de pesquisa de campo com jovens e coletivos juvenis na cidade de São Paulo. Os resultados decorrentes da análise dos dados dessa mesma investigação serão objeto de reflexão posterior.

uma espécie de “superfície discursiva”, correspondendo “ao conjunto dos enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição; mas também pode-se interpretá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva” (Maingueneau, 1997, p. 24). É, portanto, como elemento instituidor de realidades e por elas instituído que o discurso se apresenta (Soares, 2009). Essa perspectiva aponta para a correlação e a reciprocidade entre processos de constituição social e textual, ponto crucial se consideradas as narrativas juvenis apresentadas, especialmente a *função testemunhal* que podemos a elas atribuir.

Ou seja, é na polêmica multiplicidade de vozes que compõem seus discursos que os jovens articulam uma narrativa coesa e unívoca, mas, ao mesmo tempo, múltipla e diversa. Se sentido e contexto não são preestabelecidos, mas interdependentes, a enunciação é sempre assimétrica, mobilizando saberes diversos. Aquele que interpreta os enunciados reconstrói seus sentidos a partir de indicações presentes nos enunciados produzidos, mas nada garante que o que ele reconstrói coincida com as representações do enunciador. As polêmicas e passagens que envolvem as formações discursivas não surgem, portanto, do exterior, mas presumem a partilha de um campo discursivo articulando, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com discursos outros, possibilitando percursos nos quais tecer as narrativas juvenis.

Sobre metodologias e métodos

A pesquisa propõe uma metodologia capaz de integrar características qualitativas com perspectiva multidisciplinar que potencializa as contribuições da Antropologia, da Sociologia e da Comunicação:

Nota-se como base epistemológica desta proposta a preocupação em conectar áreas de conhecimento, como ciências sociais e comunicação, também pela via de experiências metodológicas comuns e práticas de pesquisa que tentam superar suas origens disciplinares para responder a desafios de compreensão das temáticas e objetos situados nas fronteiras de diferentes paradigmas teóricos e metodológicos e em campos particulares do saber. (Borelli, Rocha & Oliveira, 2009, p. 16)

Relaciona, além disso, juventudes e formas de participação político-culturais, e articula jovens e coletivos juvenis às condições de exclusão vividas na cidade de São Paulo.

Ainda que privilegie a análise qualitativa e a crítica cultural, a pesquisa considera dados quantitativos coletados em fontes primárias (levantamentos consolidados, estatísticas oficiais, mapas e cartografias), e destaca estratégias de campo, tais como observação de práticas político-culturais (OP), entrevistas em profundidade (EP) e apreensão de relatos produzidos e apropriados pelos jovens. Importa compreender as experiências e representações que fazem de si, dos outros e da realidade que os cerca. Trata-se de compartilhar e interagir com os jovens em seus próprios contextos – “lugares meus” – e em cenários especialmente organizados para a coleta de informações:

Estes “lugares meus” revelam a ação empreendida na transformação da cidade em um lugar reconhecido como seu, em estratégias simbólicas e corporais de “mobiliamento” do espaço urbano, de ocupação de seus territórios e de impressão, na temporalidade metropolitana, de uma experiência temporal tipicamente juvenil. É ainda nestes campos de encontro que os jovens também se desencontram e se enfrentam, entre si e também com aqueles que julgam diferentes, sejam outros jovens, os adultos ou, em alguns casos, a própria cidade de São Paulo. (Borelli, Rocha & Oliveira, 2009, p. 17)

Os relatos dos jovens são, assim, um lugar epistemológico e metodológico privilegiado para observar representações e formas de socialização que permitem investigar os movimentos de ruptura e continuidade, de enraizamento e deslocamento. Ressalta-se que, em qualquer situação, investigadores e investigados se afetam mutuamente.

O universo empírico foi constituído por jovens, entre 15 e 29 anos⁷⁵, moradores da cidade de São Paulo, integrantes de coletivos juvenis que utilizam o cultural como ferramenta política e como substrato para possíveis transformações de si, de suas relações com os outros e da realidade que os cerca. Jovens que ora disputam, ora negociam subjetividades, “espaços” e “lugares” (Certeau, 2014), identidades e visibilidades. A delimitação desse universo (jovens urbanos) parte de variáveis como raça-etnia, gênero, condições de vida migrante, faixa etária, moradia, origens familiares, trajetória educacional e mundo do trabalho.

Vale ressaltar que uma das etapas significativas do processo de pesquisa de campo esteve relacionada à busca pelos coletivos e à definição de critérios para esse mapeamento. Isso se tornou deveras complexo devido à multiplicidade de ações político-culturais protagonizadas por coletivos mais ou menos organizados e, talvez, menos institucionalizados em suas relações com políticas sociais, e mais autônomos na proposição e realização de seus projetos. Isso porque, em etapas anteriores de nossas investigações com juventudes⁷⁶, a abordagem era mediada por institucionalidades localizadas em territórios periféricos

75. A faixa etária se constitui como um referencial definido pelas políticas públicas no Brasil; é aqui assumida como tendência e articulada a uma concepção estendida das juventudes.

76. Borelli, Rocha e Oliveira (2009) e Relatório Final de Pesquisa CAPES/MINCYT (2012-2017) (Borelli e Palermo, 2017).

e conectadas a movimentos sociais, organizações não governamentais e órgãos estatais, gestores de políticas públicas na cidade de São Paulo; e o acesso era individualizado e voltado para lideranças locais.

Em decorrência das mudanças percebidas, tornou-se necessário repensar metodologicamente as formas de abordagem e responder a algumas indagações: onde encontrá-los? Como estabelecer contato? O que fazem? Quais as ações realizadas? E suas vidas cotidianas? Tomando por base a hipótese de que as instituições não seriam atuações exclusivas e de amplo alcance, as redes sociais se tornaram fundamentais na elaboração preliminar do mapeamento dos coletivos juvenis.

Em um primeiro momento⁷⁷ foram estabelecidos critérios teórico-metodológicos para a delimitação de categorias analíticas e dos eixos norteadores da pesquisa. Observa-se que a realização de investigações anteriores e o acompanhamento sistemático de dados de conjuntura permitiram a emergência de três eixos prévios – raça-etnia, gênero, migrações –, cujos segmentos populacionais estão diretamente afetados pelas condições de desigualdade social⁷⁸. Da mesma maneira, a alusão a um conjunto de modalidades culturais advém de repertórios e conhecimentos acumulados referentes aos jovens e às culturas juvenis⁷⁹. Nota-se que todas essas informações foram sistematizadas em um quadro geral (Quadro 3)

⁷⁷ Cabe ressaltar que esse processo de concepção e articulação da metodologia foi de fundamental importância na resposta a um dos objetivos desse grupo de pesquisa, a saber: formação de jovens pesquisadores (graduandos, mestrandos, doutorandos).

⁷⁸ As categorias analíticas serão explicitadas no item referente aos resultados metodológicos alcançados.

⁷⁹ Borelli e Valenzuela (2021); Borelli *et al.* (2021); Alvarado *et al.* (2021); Borelli e Aboboreira (2011); Borelli, Rocha e Oliveira (2009); Borelli e Freire Filho (2008); Borelli e Ramos (1985).

organizado no momento posterior, de levantamento dos coletivos analisados.

De longa duração, o segundo momento resultou na montagem de uma sequência de versões do mesmo quadro com o mapeamento panorâmico de uma diversidade de coletivos encontrada na coleta de dados em redes sociais digitais. Observa-se que esse quadro passou por transformações à medida que novos coletivos eram localizados, demonstrando que o processo ocorria de maneira dinâmica, ora porque um deles poderia responder por mais de um dos eixos (gênero e étnico-racial que demandava, por exemplo, uma reflexão sobre interseccionalidade), ora porque as modalidades culturais estavam articuladas a uma mesma ação (como na composição do hip hop, a mescla entre música, dança e artes visuais), ora, ainda, porque o universo dos coletivos se mostrou bem mais amplo do que suposto inicialmente.

O terceiro momento, por sua vez, esteve centrado na seleção e consolidação dos coletivos para a realização da etapa subsequente de coleta de dados (observações das práticas político-culturais e entrevistas em profundidade). Essa seleção levou em consideração aqueles que, em seu perfil de atuação, respondiam aos objetivos gerais dessa pesquisa – articulação entre práticas político-culturais de coletivos juvenis com as múltiplas urbanidades; formas de participação política mediadas por ações culturais e comunicacionais – e à proposta metodológica de cruzamento entre eixos, modalidades culturais e categorias analíticas. Nota-se que a aceitação, por parte de integrantes dos coletivos, para participar da investigação se tornou um critério relevante na definição do universo da pesquisa.

Esses foram os momentos preparatórios para a definição do universo da pesquisa de campo e da consequente análise dos dados. O campo, realizado entre 2016 e 2018,

privilegiou instrumentos de coleta, tais como observações das práticas político-culturais e entrevistas em profundidade (ambas com roteiros semiestruturados), e análise de dados por meio do *software* MaxQda⁸⁰.

A observação das práticas político-culturais (realizadas entre 06/05/2016 e 13/03/2018) foi um recurso adotado em, pelo menos, duas situações de pesquisa de campo: a) para observar características, formas e alternativas de sociabilidade, sensibilidade e visualidade manifestadas nos territórios juvenis, e realizar entrevistas em profundidade; b) como recurso complementar de captação de informações nos locais de origem dos jovens.

Para a observação foi elaborado um roteiro semiestruturado (Quadro 1) que possibilitou uma aproximação gradativa a diversos coletivos juvenis, bem como, em um segundo momento, a seus integrantes. Da mesma forma, esse instrumento propiciou a busca por alternativas de imersão nas narrativas juvenis coletadas, promovendo maior substrato para compreender, de forma mais ampla, quem são os jovens capazes de apontar caminhos para a realização, posteriormente, das entrevistas em profundidade: quem entrevistar? Quais os critérios utilizados? Como buscar em suas narrativas nuances reveladoras desse universo que os cerca?

As observações foram realizadas por duplas, trios e, algumas vezes, a equipe completa em locais onde ocorriam os eventos, em bairros distintos da cidade. Com o objetivo de compartilhar, passo a passo, os desafios na construção de instrumentos de pesquisa de campo⁸¹,

⁸⁰. Informações disponíveis em: <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>.

⁸¹. Apresenta-se aqui uma síntese de conteúdos constantes do roteiro de Observação. A versão completa compõe o Relatório Final de Pesquisa (Borelli *et al.*, 2018).

segue o roteiro para a realização das observações das práticas político-culturais desses coletivos juvenis.

Quadro 1

Roteiro síntese para a realização de observações das práticas político-culturais (OPs)

I.	Evento:
1.	Pré-observação (feita pelo pesquisador, ainda sem contato formal com o local/coletivo/evento/jovens envolvidos)
1.1.	Nome do evento:
1.2.	Nome do coletivo organizador(es):
1.3.	Coletivos participantes:
1.4.	Local:
1.5.	Data:
1.6.	Endereço/ bairro/ zona:
1.7.	Evento vinculado a: () a alguma política pública: qual? () ONG: qual? () independente/ colaborativo; () apoio/ financiamento/ promoção (reproduzir o que consta do convite)
1.8.	Tipo do Evento: Música () Literatura () Teatro () Grafite () Pixação () Audiovisual () Debate () Festa () Ciranda () Performance () Video projeção () Outros: _____
1.9.	Forma de divulgação do evento: blog, site, orkut, folhetos, cartazes, flyers, mala-direta etc.):
	Endereços eletrônicos (site, blog etc.):
	Contato pessoal (e-mail):
	Atenção: Recolher materiais “físicos” de divulgação que constam do local.
2.	Observação do local (feita pelo pesquisador, ainda sem contato formal com pessoas)
2.1.	Entorno (aspectos da rua, prédios, trânsito, movimento de pedestres):
2.2.	Local e forma de acesso (compra de ingresso, segurança, facilidade/dificuldade, fluxo de frequentadores):

2.3.	Cenário (descrever as características do local). Ambiente "interno":
2.4.	Freqüentadores/público (roupas, atitude, marcas corporais, o que consome no local, relação entre estilo dos freqüentadores e estilo do ambiente; o que rola entre eles):
2.5.	Membros do coletivo:
2.6.	Registro: arquivado () transmissão ao vivo ()
2.7.	Descrição "densa" do evento (anotar agora alguns pontos principais e elaborar um relato escrito posterior):
3.	Bate-papo informal com freqüentadores:
	(observar, antes da abordagem, os jovens a serem escolhidos para o bate-papo)
	Perguntar:
3.1.	Como e com quem veio para o local?
3.2.	Com que freqüência aparece no evento?
3.3.	O que te interessa/te chama a atenção?
3.4.	Há quanto tempo acompanha o grupo?
3.5.	O que você faz?
3.6.	Outros eventos/coletivos que frequenta:
4.	Registros de imagens (fotos/audiovisuais)
4.1.	Seguir, como roteiro mais formal, os itens que constam do ponto 2 (observação do local)
4.2.	Registrar o evento em si;
4.3.	Imagens individuais de jovens; foco nos detalhes corporais/vestimenta.

Fonte: Elaborado pela equipe de pesquisa, em 2016.

As entrevistas em profundidade e a coleta de entrevistas em redes sociais digitais (realizadas entre 13/03/2018 e 25/06/2018) foram utilizadas em três situações: a) como resultado do levantamento prévio estabelecido durante as observações das práticas político-culturais, foram selecionados coletivos visando o aprofundamento dos eixos

norteadores da pesquisa (raça-etnia, gênero e migrações); b) como instrumento de coleta para busca intencional em territórios juvenis (pontos de encontro e sociabilidade dos jovens, objetivando adensamento de dados resultantes das observações); c) em situações de abordagem a lideranças e formadores de opinião.

Com duração de duas a três horas, cada entrevista foi feita por duplas ou trios de pesquisadores em locais escolhidos pelos entrevistados, algumas vezes em seus locais de atuação, outras em espaços públicos ou centros culturais da cidade. Da mesma forma que anteriormente, veicula-se aqui o roteiro semiestruturado das entrevistas em profundidade.

Quadro 2

Roteiro síntese para a realização de entrevistas em profundidade

Entrevista N°:	
Data: ____/____/____	
Local:	
Entrevistador(a):	
P1. Zona (RU):	
. Sul ()	
. Oeste ()	
. Norte ()	
. Leste ()	
. Centro ()	
Observação: Apresentação do pesquisador, do grupo de pesquisa, da instituição e do tema/ objetivos da pesquisa	
A.	Dados gerais e categorias em direção a participação a um coletivo
i.	Identificação
	Nome:

	Autodenominação (atogorí de confidencialidade):
	Endereço:
	Telefone/whatsapp/e-mail:
	Idade:
	Estado civil:
	Local de nascimento:
	Trabalha? Não () Sim () Onde:
	Cargo:
	Estuda? Não () Sim () Onde:
	Nível escolaridade:
	Fez algum curso de formação para a área que atua? Não () Sim ()
	Onde: Tipo de curso:
ii.	Trajatória de vida e pertença/ relação com coletivo(s)
iii.	Informações sobre o coletivo/ atogorías do coletivo
B.	Informações sobre o coletivo/ ação do coletivo
C.	Vínculos institucionais
D.	Relações cultura e política
E.	Concepção das atogorí/ bairro/ região
F.	Lazer e consumo cultural
G.	Raça/ Etnia
H.	Gênero
I.	Migrações
J.	Considerações finais

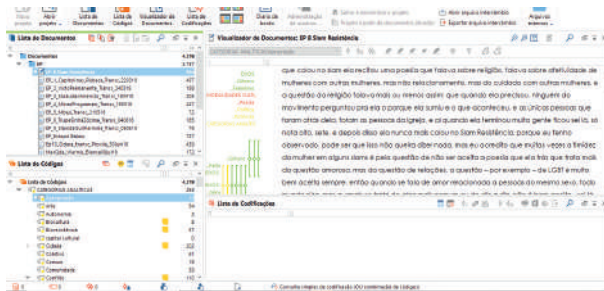
Fonte: Elaborado pela equipe de pesquisa, em 2017.

O MaxQda⁸² é um *software* destinado à análise qualitativa de dados coletados e organizados em diferentes formatos, como textos, planilhas, áudios, vídeos, entre outros, e teve por objetivo a codificação das informações

⁸². Informações do site oficial do software MaxQda. <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>.

desse documentos para serem interpretadas posteriormente, seja na produção de textos ou na edição de áudios e vídeos. Como demonstrado na Figura 1, da esquerda para a direita, em sua interface há quatro janelas: na primeira delas, uma lista dos arquivos que foram importados para serem trabalhados no projeto; na segunda imagem, vê-se a lista de categorias e subcategorias criadas pelos usuários para a codificação dos arquivos; na terceira janela, encontram-se os textos ou vídeos para a codificação; já na última janela é possível verificar os resultados da codificação.

Figura 1. Interface MaxQda.



Fonte: Elaborado pela equipe de pesquisa, em 2018.

O usuário pode alterar a ordem dessa interface, porém esse é o padrão do *software* e foi utilizado nas codificações dos arquivos da pesquisa. A categorização ocorre de forma manual ao seleccionar-se um trecho do texto e vinculá-lo à subcategoria correspondente.

Trata-se, em síntese, de um trabalho de campo, de perfil etnográfico, com ênfase em observações e entrevistas, todas de cunho qualitativo, com jovens na cidade de São Paulo. A realização dessas etapas e suas consequências formam a base para os resultados metodológicos.

Resultados do trajeto metodológico da pesquisa

Como explicitado anteriormente, a metodologia esteve ancorada em três momentos preparatórios para a realização da pesquisa de campo. A seguir, serão detalhados os procedimentos e as etapas referentes à organização da pesquisa, objetivo desta reflexão.

Esse trajeto teve início com a realização de seminários teórico-metodológicos⁸³ para a delimitação de conceitos e categorias analíticas que fundamentaram a base epistemológica norteadora dos eixos em questão – raça-etnia, gênero e migrações – e suas articulações com as modalidades culturais. O critério de seleção esteve ancorado nos estudos culturais britânicos e suas ressonâncias latino-americanas, tanto na concepção das juventudes como constructo historicamente situado, quanto nas intersecções entre raça-etnia, gênero e migrações. Foram, assim, privilegiados autores clássicos e outros mais contemporâneos e, como resultados desse diálogo, foram selecionadas as principais referências que permitiram a ancoragem conceitual e a definição de um conjunto de categorias analíticas.

No segundo momento, de produção de uma sequência de versões do quadro, o trabalho esteve centrado em um movimento reflexivo de idas e vindas com o objetivo de articular, ao mesmo tempo, os dados empíricos (adividos da coleta de coletivos em redes sociais) e as especificidades de cada um deles, a relação privilegiada com esse ou aquele eixo, e a pertinência das categorias analíticas para sua inclusão no universo da pesquisa.

⁸³ Realizados quinzenalmente, com a presença da equipe formada pelas pesquisadoras responsáveis, doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica.

Já de posse dos três eixos – raça-etnia, gênero e migrações – e de um conjunto amplo de coletivos, foram identificadas prioritariamente as seguintes modalidades culturais: audiovisual, circo, comunicação, dança, fotografia, intervenções urbanas, linguagens digitais, literatura, música, poesia, teatro e tecnologias. E, finalmente, foram reiteradas as categorias analíticas capazes de definir a sequência do trabalho de campo, a saber: bio-cultura/biorresistência (Valenzuela Arce, 2014), cultura, cultura/política (Williams, 1969, 1997, 2011; Hall, 1997, 2011a, 2011b; Martín-Barbero, 1987, 2000, 2004; Reguillo, 2015), discurso/narrativa (Bakhtin, 1987), diversidade cultural/interculturalidade (García Canclini, 2000, 2004; Hall, 1997, 2011a, 2011b), forma e conteúdo (Bakhtin, 1987), fronteiras, (Valenzuela Arce, 2014; García Canclini, 2000, 2004), hegemonia/contra-hegemonia (Gramsci, 1978, 1986), hibridismos, identidades (García Canclini, 2000, 2004), performance, polifonia (Bakhtin, 1987), territórios/ espaços/lugares (Certeau, 2014; Santos, 1999), tradições/ disjunções, rupturas (Anderson, 2005; Appadurai, 2004).

Em tais categorias estão implicados contextos de desigualdade, exclusão, segregação e vulnerabilidade diretamente relacionados às classes sociais, às situações de gênero e étnico-raciais vividas por jovens, negros e negras, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e imigrantes; abordagens essas que tomaram forma, corpo e relevância ao longo do percurso. Categorias e modalidades eram revistas sempre que novos coletivos se agregavam, marcando um processo dinâmico de montagem e seleção da versão final da “amostragem”, base de sustentação do campo e da realização de observações e entrevistas. Ressalta-se que esse procedimento esteve permanentemente atravessado por um movimento interconectado entre eixos, modalidades e categorias. Resulta dessa etapa do trajeto metodológico um quadro geral com o mapeamento preliminar de 81 coletivos.

Quadro 3

Mapeamento de Coletivos Juvenis: eixos e modalidades culturais⁸⁴

Coletivos	Eixos	Modalidades Culturais
Aonde é o Rolê	-	Audiovisual
Arboreser	-	Intervenções Urbanas
Arouchianos	Gênero	Intervenções Urbanas
Arrua Coletivo	-	Intervenções Urbanas
Babado Periférico	Gênero/ Raça-Etnia	Teatro
A Batata Precisa de Você	-	Música/ Intervenções Urbanas
Bloco do Beco	-	Intervenções Urbanas
Brô MC's	Raça-Etnia	Música/ Intervenções Urbanas
Buraco da Minhoca	-	Música/ Intervenções Urbanas
Capitolina	Gênero	Comunicação/ Jornalismo/ Literatura
Casa Latina	Migrações	Intervenções Urbanas
Cia Humbalada	Gênero	Teatro
Cineastas Mulheres e Trans	Gênero	Audiovisual
Cine Gueto	Raça-Etnia	Audiovisual
Clã Destino	Gênero	Audiovisual
Coletiva Audácia Estilo Livre	Gênero	Intervenções Urbanas
Coletivo Adelinas	Gênero/ Raça-Etnia	Comunicação/ Intervenções Urbanas

⁸⁴. Entre outubro de 2016 e março de 2018 foram organizadas seis versões da mesma planilha, com totais que variaram entre 50 e 70 coletivos registrados. Na versão final, resultou um total de 81 coletivos mapeados (ver Relatório Final de Pesquisa Jovens Urbanos em Borelli *et al.*, 2018).

Coletivos	Eixos	Modalidades Culturais
Coletivo Agulha	-	Intervenções Urbanas
Coletivo As Trapeiras	Gênero	Teatro/ Intervenções Urbanas
Coletivo Coletores	-	Audiovisual/ Intervenções Urbanas
Coletivo Dedo Verde	-	Intervenções Urbanas
Coletivo de Galochas	-	Teatro
Coletivo Dolores Boca Aberta	-	Teatro
Coletivo Estopô Balaio	Migrações	Teatro
Coletivo Juventude Ativa	-	Audiovisual/ Linguagens Digitais
Coletivo na Rego	Gênero	Teatro
Coletivo Pi	Gênero	Intervenções Urbanas
Coletivo Si yo puedo	Migrações	Formação para Educação e Trabalho
Comboio	Raça-Etnia/ Migrações	Intervenções Urbanas
Comuna Deusa	Gênero/ Raça-Etnia	Música/ Dança/ Intervenções Urbanas
Empoderadas	Gênero/ Raça-Etnia	Audiovisual
Encontro do Hip Hop	Raça-Etnia	Música/ Interação Urbana
Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	Gênero/ Raça-Etnia/ Migrações	Música/ Interação Urbana
Estúdio Lâmina	-	Música/ Fotografia/ Intervenções Urbanas
Experimentação Audiovisual Claudia Ferreira	Gênero/ Raça-Etnia	Audiovisual

Coletivos	Eixos	Modalidades Culturais
Fala Guerreira	Gênero/ Raça-Etnia	Comunicação/ Jornalismo/ Literatura
Fórum do Hip Hop	Raça-Etnia	Música/ Intervenção Urbana
Hacklab	-	Linguagens Digitais
IDM (Identidade e Movimento)	-	Dança
Ilú Oba de Min	Gênero/ Raça-Etnia	Música/ Poesia/ Dança/ Intervenções Urbanas
Imagem	Raça-Etnia	Audiovisual/ Intervenções Urbanas
Lado Norte Lado Forte	Raça-Etnia	Intervenções Urbanas
Mbeji	Gênero/ Raça-Etnia	Música
Microcine Migrante	Migrações	Audiovisual
Minas Programam	Gênero/ Raça-Etnia	Linguagens Digitais
Mjiba em Ação	Gênero/ Raça-Etnia	Poesia/ Literatura/ Intervenções Urbanas
Movimento Cultural das Periferias	-	Poesia/ Literatura/ Intervenções Urbanas
Musical do Hip Hop	Raça-Etnia	Música/ Intervenção Urbana
Muxima na Diáspora	Raça-Etnia/ Migrações	Música/ Intervenção Urbana
Nós, Mulheres da Periferia	Gênero/ Raça-Etnia	Comunicação/ Jornalismo/ Audiovisual
Nossa História Invisível	Gênero/ Raça-Etnia	Audiovisual
Núcleo de Comunicação Alternativa – NCA	-	Audiovisual/ Jornalismo/ Fotografia

Coletivos	Eixos	Modalidades Culturais
Núcleo e Comunicação Comunitária	-	Comunicação/ Rádio
Ocupação Leila Khaled	Gênero/ Raça-Etnia	Intervenções Urbanas
Ocupação Preta	Raça-Etnia	Música/ Inter- venções Urbanas
Ocupa Ouvidor 63	Migrações	Música/ Inter- venções Urbanas
Odara Negra	Raça-Etnia	Música/ Teatro/ Dança
Periferia em Movimento	Raça-Etnia	Comunicação/ Jornalismo
Periferia Trans	Gênero	Teatro/ Dança/ Música
Programaria	Gênero	Linguagens Digitais
Projeto Atadas	Gênero	Audiovisual
Projeto São Paulo Território Digital	-	Linguagens Digitais
Punga Crew	Gênero/ Raça-Etnia	Intervenções Urbanas
Quilombo Afroguarany Casa Amarela/ Coletivo TMJ	Raça-Etnia	Dança/ Música
Revista Vaidapé	Gênero/ Raça-Etnia	Comunicação/ Jornalismo
Rimas e Melodias	Gênero/ Raça-Etnia	Intervenções Urbanas
Rua Virtual		Audiovisual/ Inter- venções Urbanas
Santa Mala	Gênero/ Migrações	Intervenções Urbanas
Sarau da Brasa	Gênero/ Raça-Etnia	Poesia/ Literatura/ Inter- venções Urbanas
Sarau das Américas	Migrações	Poesia/ Literatura

Coletivos	Eixos	Modalidades Culturais
Sarau das Pretas	Gênero/ Raça-Etnia	Poesia
Sarau Pretas Periféricas	Gênero/ Etnia-Raça	Poesia/ Literatura/ Intervenções Urbanas
Sistema Negro	Etnia-Raça	Música/ Intervenções Urbanas
Slam da Guilhermina	Gênero/ Raça-Etnia/ Migrações	Poesia
Slam da Ponta	Raça-Etnia	Poesia/ Literatura
Slam das Minas	Gênero/ Raça-Etnia	Poesia
Slam Resistência	Gênero/ Raça-Etnia	Poesia
Trupé na Rua	-	Circo
Trupe Sinhá Zózima (Zózima Trupe)	-	Teatro/ Música/ Poesia
Vegearte	-	Intervenções Urbanas
Visto Permanente	Raça-Etnia/ Migrações	Audiovisual
Total de coletivos selecionados		81 coletivos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Desse quadro, mais abrangente, e considerando a base teórica e epistemológica que ancora a metodologia e as escolhas pelos instrumentos de pesquisa, foram derivados dois outros quadros, demarcando as etapas seguintes do trabalho de campo. O primeiro deles, apresentado a seguir (Quadro 4), é formado por 31 coletivos escolhidos para a realização da observação de práticas político-culturais. Selecionados não apenas por sua relevância e atuação, mas também considerando os aportes definidores da investigação (eixos, modalidades culturais

e categorias analíticas), os eventos realizados por cada coletivo foram acompanhados por duplas ou trios de pesquisadores do grupo, munidos do roteiro elaborado especificamente para essa tarefa.

Integrando-se aos eventos propostos pelos coletivos, os pesquisadores acompanharam, de maneira intensa e participativa, os grupos e atividades, no período de maio de 2016 a março de 2018. É de fundamental importância notar que, devido à extensa duração do campo, as observações de práticas político-culturais e as entrevistas em profundidade foram se afetando mutuamente e construindo, de forma constante e interrelacional, os resultados metodológicos da pesquisa. No quadro, são apresentados os coletivos acompanhados durante as observações.

Quadro 4

Observações de práticas político-culturais (OPs)

Data	Coletivos	Atividades
05/05/2016	Capitolina	Debate
09/06/2016	Atadas	Debate
09/06/2016	Nós, Mulheres da Periferia	Debate
04/07/2016	Slam da Ponta	Poesia/Performance
26/07/2016	Projeto São Paulo Território Digital	Debate/Cultura Digital
31/07/2016	Ilú Oba de Min	Música/Dança
01/08/2016	Slam Resistência	Poesia/Performance
05/08/2016	Nós, Mulheres da Periferia	Debate
05/08/2016	Empoderadas	Debate
23/08/2016	Hacklab	Debate
23/08/2016	Minas Programam	Debate
24/08/2016	Mbeji	Música/Dança
26/08/2016	Muxima na Diáspora	Debate/Música
01/09/2016	Visto Permanente	Audiovisual/Debate
01/09/2016	Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	Audiovisual/Debate

Trajetos metodológicos: experiências com coletivos juvenis na cidade de São Paulo (Brasil)

Data	Coletivos	Atividades
03/09/2016	Slam da Guilhermina	Poesia/Performance
06/09/2016	Trupe Sinhá Zózima	Música/Literatura/Teatro
13/09/2016	Cineastas Mulheres e Trans	Audiovisual
14/09/2016	Si yo Puedo	Debate/Palestra
14/09/2016	Visto Permanente	Debate/Palestra
14/09/2016	Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	Debate/Palestra
18/09/2016	Coletivo Estopô Balaio	Teatro
08/10/2016	Coletivo de Galochas	Teatro
22/10/2016	Arrua Coletivo	Debate
07/10/2016	Slam Resistência	Poesia/Performance
16/11/2016	Sarau das Pretas	Poesia/ Performance
25/11/2016	Slam das Minas	Poesia/ Performance
26/11/2016	Sarau das Pretas	Poesia/ Performance
02/12/2016	Slam das Minas	Poesia/ Performance
05/12/2016	Slam Resistência	Poesia/Performance
18/12/2016	Slams (encontro de Slams)	Poesia/ Performance
25/11/2017	Encontro do Hip Hop (diversos coletivos)	Hip Hop
29/03/2017	Muxima na Diáspora.	Debate
29/03/2017	Nós, mulheres da periferia	Debate
29/03/2017	Periferia Trans	Debate
03/04/2017	Slam Resistência	Poesia/ Performance
18/05/2017	Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	Debate
24/03/2017	Rimas e Melodias	Hip Hop
24/06/2017	Santa Mala	Hip Hop
24/07/2017	Muxima na Diáspora	Apresentação/ Shows
03/08/2017	Slam Resistência	Poesia/ Performance
20/08/2017	Brô's MC's	Hip Hop
12/09/2017	Muxima na Diáspora	Debate
14/09/2017	Musical do Hip Hop (diversos coletivos)	Hip Hop
21/09/2017	Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	Debate
30/10/2017	Slam Resistencia	Poesia/ Performance
21/11/2017	Fórum do Hip Hop (diversos coletivos)	Hip Hop
25/11/2017	Encontro do Hip Hop (diversos coletivos)	Hip Hop

Data	Coletivos	Atividades
25/11/2017	Muxima na Diáspora	Manifestação/ apresentação
25/11/2017	Si, you Puedo	Manifestação/ apresentação
03/12/2017	Equipe de Base Warmis – Con- vergência das Culturas	Manifestação/ apresentação
13/03/2018	Sarau das Américas	Debate/ apresentação
	Total de OPs realizadas	31 coletivos / 52 observações

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esse acercamento ao universo juvenil possibilitado pelas observações de práticas político-culturais permitiu o adensamento de diálogos, debates e perspectivas sobre as juventudes, assim como proporcionou o estreitamento de vínculos nas relações entre pesquisadores e jovens envolvidos. Tomando por base as informações coletadas nas observações, foi organizada a etapa de realização das entrevistas em profundidade, agora com ênfase mais direta nos eixos definidores da investigação: raça-etnia, gênero e migrações. A seleção dos coletivos entrevistados foi feita tomando como base o Quadro 4, ou seja: da totalidade dos 31 coletivos investigados na etapa de observação, chegou-se ao número total de 17 coletivos, representativos dos eixos, modalidades culturais e categorias analíticas da pesquisa.

O roteiro das entrevistas, anteriormente apresentado, foi dividido de acordo com as categorias analíticas, eixos de análise e modalidades culturais, abordando os seguintes aspectos principais, aqui sintetizados: formas de participação em coletivos juvenis, vínculos institucionais, relações entre cultura e política, concepção dos territórios urbanos, lazer e consumo cultural, raça-etnia, gênero, migrações. As entrevistas em profundidade se mostraram, assim, essenciais não apenas para a coleta de informações, mas para o delineamento, de modo mais

próximo, dos jovens sujeitos da investigação. O conjunto de coletivos entrevistados – por meio de entrevistas em profundidade ou daquelas disponibilizadas pelos grupos em suas páginas de redes sociais digitais – encontra-se apresentado a seguir.

Quadro 5

Entrevistas em profundidade realizadas (EPs e EFs)

Data	Coletivos	Número de entrevistados	EP/EF	Entrevistas em redes sociais
23/05/2018	Coletivo Estopô Balaio	01	EP	-
13/03/2018	Visto Permanente	04	EP	-
10/05/2018	Mbeji	02	EP	-
08/03/2018	Capitolina	01	EP	-
25/06/2018	Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas	02	EP	-
04/04/2018	Minas Programam	02	EP	-
24/05/2018	Slam Resistência	02	EP	-
21/05/2018	Trupe Sinhá Zózima	01	EP	-
27/05/2018	Slam da Guilhermina	01	EP	-
20/03/2018	Sarau das Américas	03	EP	-
14/06/2018	Odara Negra da	04	EP	-
Várias datas	Muxima na Diáspora	03	EP	-
20/10/2016	Coletivo Coletores	01	EF	https://www.youtube.com/watch?v=DsfJrxseZVo

Data	Coletivos	Número de entrevistados	EP/EF	Entrevistas em redes sociais
28/11/2017	Rimas e Melodias	01	EF	http://www.rimasebatidas.pt/rimas-melodias-ser-mulher-no-brasil-ainda-e-muito-dificil/
Várias datas	Nós, Mulheres da Periferia	06	EF	https://www.youtube.com/watch?v=gHoQJvSjTKw http://minasnerds.com.br/2017/05/17/nos-mulheres-da-periferia/ https://www.revistaforum.com.br/nos-mulheres-da-periferia-e-o-protagonismo-feminino/ http://www.museuda-pessoa.net/pt/explore/noticias/coletivo-nos-mulheres-da-periferia-fala-sobre-sua-atuacao-e-participacao-em-forum
01/06/2018	Sarau das Pretas	01	EF	https://www.youtube.com/watch?v=CJwD3Nc4nA
02/03/2016	Santa Mala	01	EF	https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/03/02/atraves-do-rap-a-historia-de-luta-de-costureiras-bolivianas-em-sao-paulo/
Total EPs realizadas	12 coletivos 26 entrevistados			
Total EFs coletadas	05 coletivos 10 entrevistas			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pensadas de modo dinâmico, as entrevistas propiciaram, ao mesmo tempo, o levantamento de temáticas e problemáticas gerais, e a especificação das singularidades de cada coletivo, apontando suas recorrências e diversidades, e constituindo o material base da pesquisa para

posterior articulação com seus aportes teóricos, além da construção de um protocolo metodológico complexo e original.

Por meio desses encontros, realizados de forma dialógica e caracterizadas mais como depoimentos e testemunhos do que como meras respostas a questões elaboradas pelos pesquisadores, os integrantes dos coletivos estabeleceram relações entre raça-etnia, gênero, migrações, classe e geração. Tais articulações contribuem para a compreensão não apenas dos modos de experienciar suas realidades, mas de como distintas interseccionalidades colaboram para uma análise mais abrangente das relações entre juventude, cultura e política. Dessa forma, observa-se que a atuação política por meio da cultura, com enfoque para o recorte geracional de juventude, é consideravelmente distinta quando efetivada em um coletivo composto por homens negros jovens imigrantes, ou por homens brancos heterossexuais brasileiros, ou, ainda, por homens negros brasileiros sem sexualidade definida, entre outros exemplos possíveis.

Em outras palavras, as interseccionalidades também podem significar que os lugares – ou posições – que cada coletivo ocupa na sociedade são distintos (Ribeiro, 2017), havendo múltiplas possibilidades de existência na produção cultural. É possível que dois coletivos atuem de forma similar (mescla variável entre políticas públicas, vínculos institucionais e práticas mais autônomas) e se distingam pela modalidade cultural ou pelos eixos de análise voltados a questões de classe, preconceitos étnico-raciais, relações desiguais de gênero ou geracionais, entre outras. As relações podem variar de forma cada vez mais complexa conforme as semelhanças e diferenças entre os coletivos são articuladas.

No momento de análise qualitativa das entrevistas, o programa MaxQda foi de fundamental importância, pois permitiu o manuseio de grandes volumes de dados empíricos e de conteúdos temáticos reunidos nas etapas da pesquisa de campo. A organização pressuposta nesse tratamento de dados permitiu a criação de relatórios de subcategorias individuais ou advindas do cruzamento entre duas ou mais delas. Ademais, foi possível a apresentação dos resultados das categorizações de diversas formas gráficas, como em nuvens de palavras, destacando as de maior incidência, além de tabelas, relatórios, frequências estatísticas, entre outros recursos que combinavam diferentes técnicas e métodos de análise, tanto quantitativos, como qualitativos.

Os recursos do programa, desse modo, foram utilizados para a organização dos dados qualitativos das entrevistas em profundidade realizadas, sendo que todas elas foram previamente transcritas e os textos foram codificados/decodificados no MaxQda. Para o ordenamento, foram criados três grupos principais, como como pode ser visto: eixos de análise, modalidades culturais e categorias analíticas. Dentro desses grandes conjuntos, foram propostas 83 subcategorias, sendo 5 delas em eixos, 14 em modalidades culturais e 64 referentes a categorias analíticas. Após a transcrição de cada entrevista, elas foram unidas em um arquivo único do qual foram extraídos relatórios por subcategorias, contendo os trechos dos textos vinculados à subcategoria correspondente e à entrevista a ela relacionada. Tais relatórios serviram de base para a construção das análises e o estabelecimento de novas relações entre eixos, modalidades e categorias.

Considerações finais

Os trajetos metodológicos elaborados ao longo da investigação de coletivos juvenis na cidade de São Paulo apontam o reconhecimento das múltiplas possibilidades percebidas em suas práticas político-culturais, para se constatar a polifonia discursiva da produção cultural dos jovens e, ainda, denotar a visibilidade dessa diferença e a articulação de diversas pautas políticas, de modo a torná-las mais potentes e efetivas. A questão da identidade cultural como uma busca política (Hall, 2011b) é um dos pontos principais trazidos por essa pesquisa, identidades essas estimuladas por políticas culturais da diferença.

Envolvendo diversos aportes teórico-metodológicos, observa-se, como demonstrado no artigo, o processo de construção gradual da pesquisa, envolvendo diversas etapas até sua configuração em três eixos principais: raça-etnia, gênero e migrações, agrupando em torno deles os diferentes coletivos juvenis. Nota-se uma forte interrelação entre os distintos eixos, que se cruzam de modo transversal e, ao fazê-lo, imprimem ênfases variadas a esses atravessamentos. A questão étnica e racial destaca-se como profundamente articulada às demais, além de tensionar de modo mais radical a questão da juventude, temática que perpassa todos os eixos por ser definidora não apenas da amostragem, mas da própria delimitação da temática e problemática tratadas. Finalmente, a fim de articular aspectos analíticos e interpretativos resultantes dos trajetos metodológicos, será apresentada síntese de cada um dos eixos privilegiados na pesquisa.

Em relação às migrações, retomam-se as análises que apontam para ações político-culturais visando transformações sociais, pessoais e coletivas. Os jovens desses coletivos estão articulados em redes e são essas que possibilitam que suas ações e presenças sejam visibilizadas,

atuando em diálogo com coletivos e movimentos sociais brasileiros. As pautas se embaralham e criam oportunidades dessas vozes e corpos ecoarem com maior incidência em cenários múltiplos da cidade, explicitando a busca por construir canais de comunicação para além de uma mídia tradicional ou corporativa. Há também o movimento de se apropriar dos espaços públicos a fim de ressignificar a cidade e seus limites, contribuindo para transformações que alterem a perspectiva de permanência desses jovens em contextos de segregação e exclusão urbanas.

No eixo de gênero, nota-se a ênfase em trazer pautas feministas, desconstruir estereótipos e propor reflexões acerca de temas que recortam o cotidiano de mulheres que estão fora de espaços acadêmicos, mas estão imersas em outras fontes de conhecimentos. Diversos itens dessa pauta permanecem no debate público: desigualdades salariais; falta de representação política formal das mulheres na política; divisão do trabalho doméstico e de cuidado; saúde reprodutiva e sexual; direito ao corpo; violências contra mulheres, entre outras que reverberam nas ações desses grupos, estimulando conversas, recuos e avanços, parcerias e reflexões sobre as ações. Há objetivos muito claros nas propostas das atividades e há também diversidade de perspectivas que indicam uma pluralidade de vozes que seguem dialogando na cidade de São Paulo.

O eixo raça-etnia se mostrou presente em diversos momentos da investigação – na estrutura, nas ações e nas narrativas dos coletivos entrevistados –, como também na transversalidade em relação aos outros eixos articuladores na pesquisa. O debate que envolve as questões raciais e étnicas se apresenta de forma complexa, já que ao pensar na possibilidade de determinada identificação étnica corre-se o risco de buscar grupos culturais fecha-

dos, perdendo de vista a presença constante dessa questão ao se observar sociedades extremamente desiguais e violentas como a brasileira. Esse debate, resultante dos trajetos metodológicos aqui colocados, aponta para as relações que os jovens integrantes dos coletivos criam entre raça-etnia, gênero, migrações, classe e geração. Contribui, assim, para a compreensão de seus modos de vivenciar e experienciar as realidades em que se encontram, e suas distintas interseccionalidades, possibilitando a análise mais abrangente das relações entre juventude, cultura e política, foco central tanto na proposição da pesquisa, como de seus resultados metodológicos.

Referências Bibliográficas

- Alvarado, S. V., Vommaro, P., Patiño, J. e Borelli, S. H. S. (2021). Estudios de juventudes: una revisión de investigaciones en Argentina, Brasil y Colombia, 2011-2019. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 19(2), 1-25. <https://doi.org/10.11600/rlcsnj.19.2.4545>.
- Anderson, B. (2005). *Comunidades imaginadas*. Edições 70.
- Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Teorema.
- Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Unb/Hucitec.
- Borelli, S. H. S. e Ramos, J. M. O. (1985). Os office-boys e a metrópole: lutas, luzes e desejos. *Desvios*, (4), 92-108.
- Borelli, S. H. S. e Freire Filho, J. (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. Educ.
- Borelli, S. H. S., Rocha, R. M. e Oliveira, R. A. (2009). *Jovens na cena metropolitana. Percepções, narrativas e modos de comunicação*. Paulinas.
- Borelli, S. H. S. e Aboboreira, A. (2011). Teorias/metodologias: trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 1(9), 161-172. <http://revistaumanizales>.

- cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/350/213.
- Borelli, S. H. S. e Palermo, A. I. (2017). *Políticas públicas e participação juvenil no Brasil e na Argentina: inovações e apropriações*. [Relatório Final de Pesquisa, Programa CAPES-MINCYT Brasil/Argentina].
- Borelli, S. H. S., Soares, R. L., Rangel, L. H. V. et al. (2018). *Jovens Urbanos: Políticas Públicas, Ações Culturais, Políticas e Comunicacionais em São Paulo*. [Relatório Final de Pesquisa], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Borelli, S. H. S., Soares, R. L., Paiva, M. C. S. e Klaus, P. (2021). Jovens imigrantes na cidade de São Paulo: ações político-culturais, vida cotidiana, resistências. *Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud*, 19(3), 1-23. <https://doi.org/10.11600/rllcsnj.19.3.4220>.
- Borelli, S. H. S. e Valenzuela, J. M. (2021). *Jovens latino-americanos. Necropolítica, cultura política e urbanidades*. Clacso; Educ; Editorial da Universidad de Manizales.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Vozes.
- Foucault, M. (1997). *Arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Garcia Canclini, N. (2000). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. EdUSP.
- Garcia Canclini, N. (2004). *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*. Barcelona.
- Gramsci, A. (1978). *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1986). *Literatura e vida nacional*. Civilização Brasileira.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, 22(2), 15-46.
- Hall, S. (2011a). *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. UFMG.
- Hall, S. (2011b). *Identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Maigneueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Pontes/Editora da Unicamp.

- Martín-Barbero, J. (1987). *Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerario para salir de la razón dualista*. G. Gili/Felafacs.
- Martín-Barbero, J. (2000). *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Loyola.
- Reguillo, R. (2015). *#OcupalasCalles #TomalasRedes: Disidencia, insurgencias y movimientos juveniles. Del desencanto a la imaginación política*. https://www.academia.edu/19637742/_OcupalasCalles_TomalasRedes_Disidencia_insurgencias_y_movimientos_juveniles_Del_desencanto_a_la_imaginaci%C3%B3n_pol%C3%ADtica.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é: lugar de fala?* Letramento.
- Santos, M. (1999). O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, XIII(2), 15-26.
- Soares, R. L. (2009). *Margens da comunicação: discurso e mídias*. Annablume/Fapesp.
- Valenzuela, J. M. (coord.). (2014). *Tropeles juveniles: culturas e identidades (trans)fronterizas*. El Colegio de la Frontera Norte; Universidad Autónoma de Nuevo León.
- Williams, R. (1969). *Cultura e sociedade*. Companhia Editora Nacional.
- Williams, R. (1997). *Marxismo y literatura*. Península.
- Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. Unesp.